



**BARRETO, Lima. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*.
Apresentação e notas de Marcos Scheffel. Estabelecimento do
texto de Marcos Scheffel e José de Paula Ramos Jr. São Paulo:
Ateliê Editorial, 2017. (Coleção Clássicos Ateliê)**

Manoel Freire

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte /
Brasil

manoelfr@gmail.com

Publicado pela primeira vez em 1919, o romance *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* começa a ser escrito logo no início da breve trajetória literária de Lima Barreto, o que se pode constatar pela leitura do *Diário íntimo*, em que há várias referências ao livro já no ano de 1906, indicando que a obra estava em adiantado processo de elaboração. Aponta para isso, também, a correspondência de Lima Barreto, particularmente uma carta a Gonzaga Duque datada de 7 de fevereiro de 1909, em que o romancista se refere ao *Gonzaga de Sá* como se o livro já estivesse pronto na ocasião em que enviou o romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha* para o editor.¹ Trata-se de um dos livros menos conhecidos do autor de *Claras dos Anjos* e, conseqüentemente, pouco lido e estudado, apesar de ser um dos romances mais importantes da literatura brasileira do início do século XX, se considerarmos o caráter inovador de sua narrativa, que rompe inteiramente com os padrões convencionais do realismo do século XIX, ainda dominantes na prosa brasileira do período, inclusive em algumas obras do próprio Lima Barreto.

Dada a importância do romance e a inexistência de exemplares nas livrarias, haja vista que as poucas edições do livro, todas de pequena tiragem, foram esgotadas, é motivo de celebração a iniciativa da Ateliê Editorial de trazer de volta às livrarias o *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Essa nova edição traz apresentação e notas de Marcos Scheffel,

¹ BARRETO. *Correspondência ativa e passiva*, v. 1, p. 169.

que esclarecem ao leitor aspectos importantes do romance e do projeto literário de Lima Barreto, além de um “anexo” com notas explicativas de palavras que, na sua maioria, caíram em desuso, e de termos referentes a lugares, personagens ou eventos históricos pouco conhecidos do público atual. O estabelecimento do texto é também de Marcos Scheffel, em parceria com José de Paula Ramos Jr., que repõem agora o texto integral, sem as supressões de passagens que afetaram edições anteriores.

Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá é composto por doze capítulos que, de certo modo, podem ser considerados “independentes”, pois não se articulam por algum tipo de relação causal, de modo que o enredo se configura a partir das reflexões dos personagens. A disposição para confrontar os valores consagrados pela tradição é anunciada logo no início do livro pelo narrador-personagem, Augusto Machado, em nota explicativa que ele denomina “Explicação necessária”, onde expõe com ironia as razões que o levaram a escrever a biografia de seu amigo e mestre Gonzaga de Sá, personagem central do romance, com quem divide o espaço inteiro da narrativa, participando de todos os episódios que narra. Augusto Machado chama a atenção para a singularidade de sua obra, que difere dos modelos convencionais tanto pela natureza do material quanto pelos procedimentos adotados em sua elaboração. Dessa forma, o narrador recusa o romance tradicional da literatura “sorriso da sociedade”, peculiar ao espírito da *Belle Époque*, modelo contra o qual Lima Barreto se insurge. Quanto ao tratamento literário dado ao tema, Augusto Machado também foge ao padrão dominante, rompendo com a convenção realista ao compor uma narrativa “fragmentária”, em que os acontecimentos se apresentam quase que aleatoriamente, sem quaisquer nexos causais, obedecendo apenas às reflexões e aos flagrantes do olhar ambulante dos personagens. Datada de 1906, a nota explicativa do narrador já anuncia, a seu modo, o ideal estético de Lima Barreto, que desde logo abraça o projeto de fazer uma “literatura militante”, despojada da ênfase, do brilho e dos artifícios retóricos inerentes à literatura oficial, o que implicaria também a opção por personagens marginalizados.

Um aspecto peculiar aos romances de Lima Barreto é a mobilidade dos personagens, que se movimentam constantemente pelos diversos espaços da narrativa; mas é sobretudo em *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* que isso é mais evidente, de modo que a movimentação dos dois protagonistas pelos diversos pontos da cidade constitui a própria matéria do relato. Deslocados no meio em que vivem, incompatíveis com a

mesquinhez e a mediocridade da repartição burocrática onde trabalham, os dois personagens buscam refúgio para a própria solidão nas ruas da cidade do Rio de Janeiro. De Gonzaga de Sá o leitor ainda conhece a residência, uma casa que herdara da família em extinção, onde mora na companhia de dona Escolástica, tia que o criara. Augusto Machado, entretanto, ao longo da narrativa se apresenta em constante deambulação pelas ruas da cidade e nada se sabe a respeito de sua vida no espaço doméstico. Mesmo na repartição onde trabalham, os dois amigos aparecem apenas no início do relato, episódio que o narrador conta com fina ironia. É quando ele é ordenado pelo diretor a dirigir-se “à Secretaria dos Cultos, [a fim de] submeter aos competentes a angustiosa questão – cardeal”² –, tirar dúvidas sobre a quantidade de tiros a serem disparados nas homenagens a um bispo, vindo “a conhecer Gonzaga de Sá, afogado num mar de papéis na secção de ‘alfaias, paramentos e imagens’, informando muito seriamente a consulta do Vigário de Sumaré, versando sobre o número de setas que devia ter a imagem de São Sebastião”.³

Da mobilidade dos personagens vai-se compondo uma narrativa igualmente móvel, sem um ponto fixo que amarre os fios do enredo, que não apresenta um núcleo conflitivo com tensão dramática. Os motivos se apresentam seguindo os flagrantes do olhar errante do narrador ou, mais precisamente, dos dois personagens, pois muitas vezes seus pontos de vista se confundem a tal ponto que o leitor encontra dificuldade para reconhecer se a fala é de um ou de outro. O impasse que Theodor Adorno identifica no romance do século XX, isto é, a necessidade da narração face à impossibilidade de narrar,⁴ parece caracterizar o relato de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, cujo narrador, mais do que propriamente narrar, comenta, juntamente com seu amigo, a vida da cidade em seus diversos aspectos. Daí a variedade de temas que surgem no transcurso da narrativa, filtrados, vale ressaltar, pela subjetividade do narrador e de seu personagem, constituindo um conjunto articulado em que os elementos, ainda que dispersos, harmonizam-se na moldagem de um mundo que se orienta por valores opostos a seus ideais. A disparidade dos motivos, portanto, não compromete a unidade do relato, subordinado ao olhar desencantado do narrador, que dá o tom crítico e melancólico da narrativa.

² BARRETO. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, p. 59.

³ BARRETO. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, p. 59-60.

⁴ ADORNO. Posição do narrador no romance contemporâneo.

À medida que os personagens passeiam, o leitor vai tomando contato com as múltiplas dimensões da vida social, postas no relato sem hierarquia de valor, de maneira que se misturam no mesmo patamar os assuntos mais díspares e aparentemente distantes, como a moda, a função das costureiras, o papel social das prostitutas e as ações de um estadista. Tome-se como exemplo a crítica ao Barão do Rio Branco, em que, pela irreverência da sátira, o narrador opera uma inversão de valores, sugerindo que as atividades do ministro estão no mesmo nível de importância do trabalho das costureiras e das mulheres de “vida fácil”. A postura da autoridade brasileira é denunciada no romance pelo personagem Gonzaga de Sá, para quem o Barão do Rio Branco “faz do Rio de Janeiro a sua chácara... Não dá satisfação a ninguém... Julga-se acima da Constituição e das leis”.⁵

Um episódio dos mais intensos, narrado sob a perspectiva melancólica de Augusto Machado, ocorre no capítulo IX do romance, sugestivamente intitulado “Era feriado nacional”. O personagem narrador afirma que saíra de sua casa “aborrecido”, depois de “uma noite má, povoada de recordações amargas” que o puseram de “mau humor, irritado, covardemente desejoso de fugir para lugares longínquos”,⁶ quando deparou-se com um desfile militar em celebração da data. O sentimento de Augusto Machado é de absoluta indiferença, como se o espetáculo dissesse respeito a um país distante e desconhecido, que não lhe desperta nenhum sentimento: “Desci para me delir na multidão, para me embriagar no espetáculo dos fardões e dos amarelos, para me fragmentar com o estrondo das salvas fugindo a mim mesmo, aos meus pensamentos e à minhas angústias”.⁷ Se o espetáculo em si não desperta qualquer sentimento positivo em Augusto Machado, por outro lado, o entusiasmo que observa em dois populares lhe atíça a chama da revolta que lhe provoca a atitude reflexiva, que lhe faz interrogar-se por que razão os párias manifestam orgulho diante de rituais de uma instituição que os oprime: “Por que aqueles homens maltratados pela vida, pela engrenagem social, cheios de necessidades, excomungados falariam tão entusiasmados pelas coisas de uma sociedade em que sofriam?”.⁸

⁵ BARRETO. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, p. 94.

⁶ BARRETO. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, p. 163.

⁷ BARRETO. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, p. 163.

⁸ BARRETO. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, p. 164.

Outro episódio significativo do romance ocorre quando, a convite de Gonzaga de Sá, Augusto Machado vai ao lírico, onde se sente deslocado e “amedrontado” ante a ostentação da burguesia republicana. A humilhação enseja a atitude crítica, que se manifesta por meio da análise dos figurantes, que o personagem observa com olhar irônico, como se o pária revidasse a exclusão desqualificando o cenário dos poderosos. A primeira atitude é de acanhamento do sujeito humilde em um ambiente hostil e opressor: “eu me choquei bruscamente com aquele mundo hostil. Não houve uma só palavra que me ferisse, nem sequer um olhar; entretanto, só em contemplar aquela grande gente, que me parecia tão rica e tão brutal, eu me senti inferior”,⁹ afirma Augusto Machado. Seu olhar atento o leva a analisar os bastidores do espetáculo, análise que conduz ao desmonte do aparato de luxo e de aparência de grandeza, evidenciando a fragilidade e a falsidade de suas bases. A desqualificação do cenário dos poderosos, que, segundo os personagens, estavam ali menos interessados pelo valor artístico do evento do que pela exibição de si mesmos como espetáculo, começa pelo espaço físico do teatro, cujos móveis, conforme Augusto Machado, pareciam inferiores aos de sua “modesta casa”.¹⁰ A caracterização do ambiente revela uma desproporção entre a atmosfera de luxo e a precariedade da situação que a sustenta, isto é, a distância entre a pompa da fachada e a pobreza da realidade, como se pode constatar nesses trechos em que o narrador descreve o ambiente: “Notei-lhes o forro de reles papel pintado, o assoalho de tábuas de pinho barato; alonguei o olhar pelo corredor e além de acanhados, julguei-os sujos, vulgares”,¹¹ afirma Augusto Machado, cuja visão descortina as camadas frágeis do cenário para então desvendar o burlesco da situação, desmascarando a presunção dos elegantes: “O teto sempre me intrigou. Com os seus varões de ferro atravessados, supus que se destinassem a trapézios e outras coisas de acrobacia. Ópera, ou circo?”¹², pergunta ironicamente, para em seguida ressaltar que “estava no ponto mais elegante do Brasil; no ponto para que converge tudo que há de mais fino na minha terra”.¹³

⁹ BARRETO. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, p. 180.

¹⁰ BARRETO. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, p. 176.

¹¹ BARRETO. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, p. 176.

¹² BARRETO. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, p. 177.

¹³ BARRETO. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, p. 176-177.

Em *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* os dois personagens constituem diferentes modos de figuração do oprimido, tal como ocorre em outras obras de Lima Barreto, em que os protagonistas se apresentam em situação marginal, seja pela condição econômica, pela origem étnica, ou por razões político-ideológicas. Esse aspecto confirma a índole crítica que anima a literatura de Lima Barreto, que desde cedo anuncia, nas páginas do *Diário íntimo* e em artigos que publica na pequena imprensa, seu projeto de uma literatura militante, em que a análise da vida brasileira se apresenta em diferentes dimensões, pautada sempre pelo olhar independente e franco, em que a visão aguda e a sensibilidade do escritor se articulam na configuração de uma obra fundamental para a compreensão da sociedade brasileira do início do século XX. Lima Barreto fez literatura militante e revolucionária, e em seus livros a dimensão estética só se realiza entrelaçada ao comprometimento ético do escritor, para quem a literatura jamais poderia ser mero objeto de deleite para uma minoria privilegiada, mas deveria alcançar o maior número possível de leitores, que por meio dela se tornariam aptos a compreender melhor o mundo à sua volta. Portanto, neste período tão conturbado da vida brasileira, em que a ignorância, a desonestidade, a violação de direitos civis e a violência contra a dignidade humana têm ocupado cada vez mais espaço nos diversos setores da sociedade, inclusive institucionais, a publicação de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* é um acontecimento a se comemorar, pois ler Lima Barreto, mais do que um passatempo, é um exercício de consciência histórica e compreensão do Brasil e, portanto, de cidadania.

Referências

ADORNO, Theodor. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: _____. *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2002. p. 55-63.

BARRETO, Lima. *Correspondência ativa e passiva*. São Paulo: Brasiliense, 1956. v. 1.

BARRETO, Lima. *Diário íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Apresentação e notas de Marcos Scheffel. Estabelecimento do texto de Marcos Scheffel e José de Paula Ramos Jr. São Paulo: Ateliê Editorial, 2017. (Coleção Clássicos Ateliê).

Recebido em: 27 de dezembro de 2017.

Aprovado em: 18 de maio de 2018.